

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS/UEA**  
**CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS/CESP**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC**  
**2025-1**

**“A GREVE FOI SUBINDO O RIO”: A GREVE DE 2018 DOS PROFESSORES DA  
REDE ESTADUAL EM PARINTINS**

**Josué da Silva Rodrigues (Acadêmico) <sup>1</sup>**  
**Mônica Xavier de Medeiros (orientadora) <sup>2</sup>**

**RESUMO:**

O presente trabalho busca compreender a organização da greve dos professores estaduais do Amazonas no ano de 2018, no município de Parintins, analisando como o movimento foi ganhando força a partir da iniciativa dos professores sindicalizados e não sindicalizados e, a partir da pressão por eles imposta, foi tornando-se um movimento de base organizado a ponto de forçar o sindicato da categoria na adesão do movimento. A pesquisa analisa ainda a relação de consciência de classe e problematiza a forma como os professores sentiam-se perante as injustiças salariais e como isso se relaciona ao processo de retomada dos movimentos grevistas da classe dos professores no estado do Amazonas e, especificamente, em Parintins. Com o objetivo de mostrar que é possível a construção organizada e vitoriosa de um movimento de base, utilizamos a metodologia da História Oral para entender todo o processo e organização do movimento, a partir do testemunho de professores que participaram da greve em momentos e posições diferentes, tendo como base as reflexões sobre memória coletiva. Como aporte teórico, utilizamos o debate sobre memória, de Michael Pollak, os conceitos de experiência e consciência de classe de Thompson, a dissertação de James da Costa Batista – Da Lousa à Luta, e o TCC do acadêmico Arthur Viana Aguiar.

**Palavras-chaves:** Greve; Professores; Parintins; Educação.

---

<sup>1</sup>Josué da Silva Rodrigues. Universidade do Estado do Amazonas/UEA. Graduando do curso de Licenciatura em História do Centro de Estudos Superiores de Parintins/CESP da Universidade do Estado do Amazonas/UEA. e-mail: [Jdsr.his20@uea.edu.br](mailto:Jdsr.his20@uea.edu.br)

<sup>2</sup> Mônica Xavier de Medeiros. Doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) e Pós-Doutora pela Universidade Federal do Amazonas/UFAM. Professora do curso de Licenciatura em História da Universidade do Estado do Amazonas/UEA. E-mail: [mxdmedeiros@uea.edu.br](mailto:mxdmedeiros@uea.edu.br)

## Considerações Iniciais:

O presente trabalho descreve e analisa o movimento de greve de 2018 dos professores da rede estadual de ensino, SEDUC-AM<sup>3</sup>, em Parintins, como um movimento de base, destacando os principais objetivos e modo com o movimento se organizou.

A escolha no recorte temporal, dá-se pelo fato inicial de ser um dos maiores e mais fortes movimentos da classe da educação no Amazonas, mas também pelo contexto político vivido em 2018, onde Amazonino Mendes<sup>4</sup> havia assumido o governo do estado do Amazonas em um “mandato tampão”, pois fora eleito em eleição suplementar no final de 2017, para governar por pouco mais de um ano, após o ex-governador José Melo<sup>5</sup> ter seu mandato cassado por comprovação de compra de votos durante o pleito em que foi eleito.

Outro ponto para a escolha é que 2018 foi um ano eleitoral, onde aconteceram as eleições gerais, fato esse impossível de ignorar, pois nesse mesmo ano, Amazonino que era o então governador, tentaria a reeleição. É importante frisar que a categoria já vinha há anos sem reajuste salarial e perdendo outros benefícios, fato esse que instigou ainda mais a luta por melhorias trabalhistas para os servidores da educação.

A greve de 2018 foi construída, em seu início, pela base da categoria, ou seja, não foi organizada pelo sindicato nos primeiros dias do movimento. Ela começou a ser planejada de forma pontual, em conversas entre os professores, inicialmente nas próprias escolas, a partir de

---

<sup>3</sup> A Secretaria de Estado de Educação e Desporto do Amazonas coordena, executa e avalia as políticas da Educação Pública no Estado do Amazonas.

<sup>4</sup> **Amazonino Armando Mendes**, Advogado e empresário, nasceu em Eirunepé, Amazonas, em 16 de novembro de 1939. Iniciou sua carreira política como prefeito de Manaus de 1983 a 1986 pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), foi governador do estado de 1987 até abril de 1990, foi senador de 1991 até 1992. Voltou a prefeitura de Manaus de 1993 a 1994 pelo PDC, desincompatibilizou-se do cargo de prefeito e tornou-se governador do Amazonas de 1995 a 2002, pelo Partido Progressista Reformador (PPR) em dois mandatos. Prefeito de Manaus de 2009 a 2012, pelo PTB. Governado do Amazonas de 2017 a 2019. Faleceu aos 83 anos no dia 12 de fevereiro de 2023. Disponível em: <<https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo>>. Acesso em 25 julho 2025

<sup>5</sup> **José Melo de Oliveira** nasceu em Manaus no dia 6 de setembro de 1946. Professor e Economista. Exerceu mandato de deputado federal de 1995 a 1998 pelo Partido Progressista Reformador (PPR) intercalando com o cargo de Secretário Estadual de Educação, Cultura e Desporto. Deputado federal pelo PFL de 1998 até 2000. Deputado estadual pelo Amazonas de 2003 a 2007, pelo PFL, mas no ano de 2003 tornou-se Secretário de Estado de Governo do Amazonas, permanecendo no cargo até 2010, vice-governador do Amazonas de 2011 a 2014, pelo PMDB, governador do Amazonas de 2014 a 2015, pelo PMDB e governador do Amazonas de 2015 a 2017. Disponível em: <<https://www18.fgv.br/cpdoc/acervo/arquivo>>. Acesso em 25 julho de 2025

reuniões onde professores começaram a avaliar a situação salarial e de perdas de benefícios da categoria, que naquele ano completava quatro anos sem reajuste salarial.

A deflagração da greve iniciou primeiramente na cidade de Parintins<sup>6</sup>, onde os profissionais da educação, em assembleia local, convocada pelos próprios professores, à revelia do Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Amazonas – SINTEAM, decidiram paralisar desde o dia 16 de março de 2018, entrando em greve. Assim, inicialmente uma greve local e construída pela base. Apesar das ameaças de corte de salário ou das pressões impostas pelo governo, não voltariam para a sala de aula sem o anúncio de um reajuste digno para a categoria. Foi então que a partir daí o movimento começou a ganhar corpo, com quase 100% das escolas em Parintins paralisadas. Fato esse que eu acompanhei, como membro da sociedade civil na época.

A greve começou a tornar-se realidade no restante do estado no dia 19 de março, com a paralisação das aulas por um grupo de aproximadamente dez mil professores, em Manaus, capital do estado, e cerca de dois mil professores no restante do interior do estado, com uma estimativa de abrangência de 46% da categoria<sup>7</sup>. O sindicato tentava, em reuniões setoriais, decidir pela adesão ou não à greve. Mas a greve já era irreversível pela vontade da categoria. Com o passar dos dias, ocorreu o aumento gradativo de escolas paralisando e de cidades do interior aderindo ao movimento que chegou a alcançar 80% da categoria em todo o estado. Após muita pressão, a greve foi então oficialmente deflagrada no dia 22 de março de 2018 com o apoio do SINTEAM, perdurando até o dia 06 de abril de 2018.

Aqui problematizaremos o potencial desta greve oriunda da base dos trabalhadores, mesmo com a tentativa do governo em oferecer percentagens mínimas de reajustes, impor o seu discurso à categoria, realizando visitas em algumas cidades, a greve foi irreversível. Os professores foram para as ruas, com o apoio dos pais, alunos, outros funcionários da educação e contou com o apoio de cidadãos comuns da sociedade. Eu mesmo acompanhei os movimentos, todavia não pertencendo a categoria ainda naquele momento, mas como cidadão. Atualmente sou servidor efetivo da Secretaria de Estado de Educação e Desporto do Amazonas, pois realizei o concurso da SEDUC-AM ao final do ano de 2018 e assumi o cargo em 04 de

---

<sup>6</sup>**Parintins.** Município brasileiro, a 372 km de Manaus, capital do Amazonas, possui 101.855 habitantes de acordo com o IBGE\_2025. Conhecida pelo Festival Folclórico de Parintins. A base econômica do município é o setor de serviços, turismo e cultura, comércio e agropecuária. Disponível em <<https://www.ibge.gov.br>. Acesso em 25 nov. 2025.

<sup>7</sup>Segundo o site Esquerda Online. **Greve da educação do Amazonas atinge 80% das escolas.** Disponível em <http://www.esquerdaonline.com.br>. Acesso em: 25 set. 2025.

janeiro 2021. Atualmente ocupo o cargo de secretário escolar em Parintins, fato esse que instigou ainda mais o desejo em realizar essa pesquisa.

Para o estudo do objeto da pesquisa, foi utilizado a pesquisa bibliográfica, análise de matérias de imprensa na internet e a História Oral. A metodologia da História Oral foi fundamental pois me possibilitou analisar o comportamento, as expressões e o sentimento dos entrevistados ao relatar suas experiências e vivências nos movimentos de greve. Como afirma Fialho:

[...] esta metodologia que trabalha fundamentalmente com depoimentos, testemunhos ou entrevistas orais, permite o historiador elaborar análises individuais e coletivas e desenvolver compreensões específicas, com maior riqueza de detalhes (FIALHO et al, 2020, p. 5).

Entrevistei cinco professores da Educação Básica de Parintins que participaram da greve de 2018 e que apresentaram perspectivas distintas sobre o movimento, conforme os diferentes papéis que desempenharam no processo. Alguns atuaram como lideranças, outros participaram enquanto base<sup>8</sup>, e há ainda entrevistados que, no ano seguinte (2019), passaram a ocupar cargos na Coordenação de Ensino de Parintins — elemento que também compõe e ressignifica suas memórias sobre o acontecimento.

A luta da categoria dos professores não é de hoje, mas se estende ao longo da história, e assim como no presente trabalho, esses movimentos inspiraram outros trabalhos de pesquisa, tais como a dissertação de mestrado em história intitulada “Da Lousa à Luta: Organização, mobilização e luta dos professores amazonenses na década de 1980” apresentada por James da Costa Batista no Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal do Amazonas, que buscou analisar os desdobramentos da organização sindical dos professores na década de 80, momento de debates e discussões que estruturavam a construção de uma nova constituição para o país, a Constituição de 1988, e que participaram das campanhas salariais, passeatas, greves e paralisações daquele período. A dissertação foi importante para comparar os meios de organização e construção dos movimentos grevistas.

Outro trabalho lido como base, foi o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do acadêmico Arthur Viana Aguiar apresentado ao curso de Licenciatura em História no Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP/UEA, que em sua pesquisa buscou compreender o

---

<sup>8</sup> Nos Movimentos Sociais, “base” refere-se à generalidade de pessoas que compõem uma categoria, um movimento, um partido, mas que não são da direção ou diretoria do mesmo e nem tem posição de liderança.

processo de formação do movimento social docente, a partir da militância política dos professores do ensino público em Parintins, entre os anos de 1980-1990. Ajudou também a evidenciar como aconteceu a organização desses movimentos dentro da categoria e entender como os professores trazem nas suas trajetórias de vidas, uma militância sindical, de professores ligados a partidos que se envolveram significativamente dentro do movimento docente em Parintins, desde a década de 80 até os dias atuais.

O trabalho foi estruturado em tópicos, dando melhor compreensão e análise da história e memória, sendo os seguintes: “Caminhos da Pesquisa” onde é apresentado a metodologia da pesquisa, as personagens entrevistadas e o passo a passo para a realização do trabalho. O tópico seguinte é denominado “A greve de 2018 estoura na base: não tem arrego, 35% já!” onde apresenta a greve de 2018 a partir da análise dos relatos dos entrevistados, com citações de falas importantes para a compreensão de como se deu o movimento e como foi a construção dia a dia pelos professores para alcançar seus objetivos.

Pretendemos aqui trabalhar a importância dos movimentos de greve de base realizado pelos professores na educação básica da rede estadual em Parintins, e o papel fundamental desse professor enquanto formador e propagador de ideias. Tentar também entender o PORQUÊ da necessidade de os profissionais realizarem greves e manifestações para que seus direitos sejam cumpridos, mesmo que estes já sejam garantidos por força de lei. É preciso ainda analisar o envolvimento de representantes de partidos políticos e as possíveis estratégias usadas pelo governo para tentar enfraquecer os movimentos de classe.

## **1. Caminhos da Pesquisa**

O desenvolvimento de qualquer pesquisa deve ser pensado e fundamentado a partir da escolha do tema, dos objetivos, da metodologia utilizada e dos recursos disponíveis para realização do trabalho. No caso do presente trabalho, ouvir os relatos de alguns professores da rede estadual de ensino em Parintins, que fizeram parte do movimento de greve em 2018, foi imprescindível para o desenvolvimento de uma pesquisa, onde as falas sejam abrangentes e visualizadas de perspectivas diferentes, tentando abranger o maior número de detalhes possíveis.

É interessante também que dentro de uma temática vários olhares sejam chamados, ou seja, em uma pesquisa sobre a história de uma fábrica, não se deve buscar somente os operários sindicalizados, mas também os que não o são e ainda aqueles que exerceram algum cargo de chefia, em alguns momentos. Deste modo, é possível encontrar conflitos de grupos/hierarquias. Se forem escolhidos operárias e operários, por exemplo, se poderá observar ainda conflitos de gênero. Mas mais do que entrar nos embates de classe ou gênero, as narrações permitirão observar as chamadas memórias em disputa (POLLAK, 1989).

Desse modo optei por entrevistar professores, que estiveram em posições diferentes em algum momento, dentro do movimento da greve. A escolha em entrevistar a professora Nilma Tavares se dá pela importância de ter um olhar da greve a partir da base, por ser professora sindicalizada, participando ativamente dos movimentos, tendo se mobilizado na organização do dia a dia da greve. A narrativa da professora Nilma nos ajuda a entender o papel fundamental dessas personagens para que o movimento ganhasse corpo e proporção, pois cada professor que esteve presente nas mobilizações, fazia a grandeza do movimento. Visto que alguns desses professores já trazem em sua história de vida a participação e atuação em movimentos sindicais de longa data.

Já a escolha da entrevista com os professores Keila Nogueira, Rooney Augusto, Carlos Magno e Gilciandro Prestes, está ligado ao fato de se tratar de professores não sindicalizados na época em que se desenrolaram os acontecimentos e que, inconformados com o descaso do SINTEAM, gradativamente tornaram-se lideranças da greve de 2018 e participaram ativamente dos processos de negociação junto ao governo. Mesmo que o foco da pesquisa seja a greve de 2018, essa escolha se dá também pelo fato de que, no ano de 2019 quando houve um novo movimento de greve dos professores, algumas dessas lideranças já não fizeram mais parte do movimento de 2019, pois passaram a ocupar cargos comissionados na Coordenadoria Regional de Educação de Parintins durante a transição de governo, fato esse que se tornou polêmico dentro do grupo dos professores. Segundo Verena Alberti no Manual de História Oral:

Nada impede que se façam algumas entrevistas mais longas, de história de vida, com pessoas consideradas em especial representativas ou cujo envolvimento com o tema seja avaliado como mais estratégico, ao lado de entrevistas temáticas com outros autores e/ou testemunhas. (ALBERTI, 2005, p. 176).

A primeira entrevistada foi a professora Nilma Tavares Carneiro, natural de Parintins/Amazonas, 46 anos, solteira, concursada há 13 anos, desde 2012, porém atuou um ano

como PSS<sup>9</sup>. Trabalhou no município de Maués durante cinco anos, e agora é lotada na escola Dom Gino Malvestio, onde também trabalhava durante a greve de 2018 e permanece até os dias atuais como professora de História, com especialização em Direitos Humanos, e História e Cultura Afro-Brasileira, e mestrado em Educação.

A segunda entrevistada foi Keila Regina Pontes Nogueira, natural de Manaus, capital do Amazonas, 48 anos, solteira e mãe de um único filho, graduada em licenciatura em letras, concursada pela Secretaria Estadual de Educação há nove anos e com 11 anos de experiência de sala de aula, pois trabalhou na Escola Municipal Irmã Cristine e atualmente trabalha na Escola Estadual Senador João Bosco, local onde trabalhava durante a greve de 2018. Na greve de 2019 atuava como Coordenadora Regional de Educação na SEDUC Parintins, onde permaneceu até 2021, fato esse que durante a greve de 2019 causou controvérsia entre a categoria.

O terceiro entrevistado foi o professor Carlos Magno de Camargo, natural de Pindamonhangaba, estado de São Paulo, 52 anos, bacharel e licenciado em história pela Universidade Estadual de São Paulo – UNESP e especialista em Psicopedagogia, casado e pai de dois filhos. É professor concursado da SEDUC-AM desde 2015, atualmente leciona na Escola Estadual Rosina Ferreira da Silva, em Manaus, porém trabalhou em Parintins por 13 anos nas escolas Brandão de Amorim, GM3 e por fim no Centro Educacional de Tempo Integral - CETI Glaucio Gonçalves, onde esteve lotado, quando atuou como liderança durante a greve de 2018. Veio para Parintins em 2009 para acompanhar sua esposa que passou no concurso público para ser professora na Universidade do Estado do Amazonas, no Centro de Estudos Superiores de Parintins.

O Quarto entrevistado foi o professor Rooney Augusto Vasconcelos Barros, natural de Parintins, com 50 anos, solteiro, pai de dois filhos. Mestre e Doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM, possui graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA (2005). Pós- Graduação em Historiografia da Amazônia. Foi docente na Universidade do Estado do Amazonas CESP-UEA - desde março de 2006 a agosto de 2011 e na UNINORTE - Universidade do Norte (2012). Atuou como Coordenador Adjunto Pedagógico da Coordenadoria Regional de Educação de Parintins, de 2021 a 2022, Coordenador Administrativo da Coordenadoria Regional de

---

<sup>9</sup> Processo Seletivo Simplificado para a contratação de professores temporários.

Educação de Parintins, em 2023 a 2024. É professor concursado da Seduc – AM há dez anos, porém, possui vinte e cinco anos de serviço. Atualmente é lotado na Escola Estadual São José Operário.

Por último, mas não menos importante, entrevistei o Professor Gilciandro Prestes de Andrade, natural de Parintins, 42 anos, casado, pai de três filhos. Graduado em História pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA, pós-graduado em Docência do Ensino Superior, especialista em Metodologia do Ensino de História pela UEA, Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia, pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Trabalha como professor há 23 anos, sendo concursado da SEDUC-AM desde 2012 como professor 40h e concursado em 2018 mais 20h no concurso público da SEDUC, completando 60h, atuando nos turnos matutino e vespertino na Escola Estadual Tomaszinho Meireles e no turno noturno no Colégio Nossa Senhora do Carmo.

Para a realização da pesquisa, utilizei a metodologia da História Oral por meio de entrevistas gravadas. Inicialmente tive o contato prévio via telefone com alguns dos professores que pretendia entrevistar, e outros, por intermédio da professora orientadora Mônica Xavier, que agiu como mediadora, já que alguns se encontravam fora da cidade. No caso de entrevistados que atualmente estão residindo em outras cidades, como é o caso da professora Keila Nogueira e do professor Carlos Magno, ou da incompatibilidade de horário devido as questões da rotina do entrevistado, como é o caso do professor Rooney Augusto, as entrevistas foram realizadas remotamente, via gravação de áudio pelo aplicativo de Whatsapp.

Claramente que esse método de entrevista por Whatsapp influenciou bastante, pois para a história oral, o contato direto com o entrevistado é singular, pois ajuda ao entrevistador, perceber de forma mais clara as emoções e reações do depoente ao ser perguntado ou ao responder algo. Nas entrevistas presenciais com os Professores Nilma Tavares e Gilciandro Prestes, por exemplo, pude perceber a emoção de arrependimento e tristeza quando a professora Nilma relata que não pode acompanhar o movimento realizado no Amazon River durante a estadia de Amazonino Mendes em Parintins, pois estava muito cansada no dia. Ou quando o professor Gilciandro fala sobre a emoção de assistir a live da assembleia de votação da greve por parte do SINTEAM, e essa emoção pode ser percebida no olhar do professor, durante a gravação da entrevista.

Durante a gravação das entrevistas via Whatsapp, emoções semelhantes a essas foram perdidas pois não puderam ser bem perceptíveis. Alguns dos entrevistados enviaram áudios

lineares e sem fragmentação nas respostas, como é o caso do professor Carlos Magno, que enviou um arquivo de áudio único de 42 minutos, porém houve a fragmentação em áudios de outros entrevistados pelo Whatsapp, ou também, como no caso do professor Rooney, que apagou mensagens antes que fossem visualizadas por mim, fato esses importantes se comparados à entrevista presencial, em que apesar das questões de memória seletiva do entrevistado, uma fala dita presencialmente pode ser corrigida posteriormente, mas jamais apagada.

Dessa forma, considera-se que o meio digital influencia a forma como a memória é evocada e registrada, se não for realizada de forma síncrona, pois possibilita posteriormente ao depoente modificar o relato. Por outro lado, desde o acontecimento da pandemia da Covid 19 no mundo todo, o uso de ferramentas tecnológicas como meio de comunicação virtual, tornou-se uma realidade gritante em todas as áreas, seja do trabalho, da educação, entre outros. Nos meios da pesquisa também se introduziu essas tecnologias, mas, cabe ao pesquisador entender e saber como se utilizar desses recursos de forma que favoreça o desenvolvimento da pesquisa sem muitas interferências no resultado, afinal é um recurso acessível às pessoas de todas as idades com o uso generalizado.

A História Oral se sustenta, sobretudo, na atividade de rememorar e no jogo entre memória e identidade. Durante o diálogo em História Oral o informante faz escolhas memoriais, movido pelos engajamentos do presente, pelas rememorações do passado e aspirações do futuro (CANDAU, 2011). E foi exatamente isso que pude observar durante as entrevistas, onde, por algum motivo, percebi o receio de alguns entrevistados em relatos de momentos específicos da greve. Um exemplo foi quanto a professora Keila Nogueira, sem falar especificamente do que se trata, relata que houve momentos que ela guarda para si, mas que nunca vieram a público.

As entrevistas foram guiadas inicialmente por um roteiro de entrevista, contendo uma síntese das questões levantadas pela pesquisa, enviada ao depoente para conhecimento prévio. Após, marcamos datas para a realização e gravação das entrevistas onde foi respeitado o tempo dos entrevistados em responder as indagações, respeitou-se ainda a memória seletiva, deixando os entrevistados a vontade para que a conversa pudesse fluir.

Durante o diálogo gravado o pesquisador deve respeitar os momentos de silêncio ou esquecimento do entrevistado (DELGADO, 2010). Evitamos, também, locais que pudéssemos ser interrompidos ou barulhentos e sempre demonstrando aberto a responder a possíveis perguntas ou comentários que o entrevistado quisesse fazer à mim, pois como alerta Portelli:

“Por que devo eu esperar que outros me falem de sua vida se eu não me mostro disposto a contar algo a respeito da minha?” (PORTELLI, 1997, p. 22).

## 2. A greve de 2018 estoura na base: “Não tem arrego, 35% já!”:

O movimento de 2018 dos professores emergiu diretamente da iniciativa de grupos de professores de Parintins que estavam insatisfeitos com a situação de defasagem salarial da classe há quatro anos. Esses grupos de forma articulada, organizaram-se e deram início ao movimento por meio de assembleia local, inicialmente sem o apoio do SINTEAM e por esse motivo, sendo considerada ilegal em seu primeiro momento.



Foto: Marcondes Macial. Acervo pessoal. Assembleia Local dos professores para deflagração de greve.

Porém, essa articulação e organização dos grupos foi muito importante, pois tomou corpo e influenciou os outros municípios e a capital do estado a aderir ao movimento, e mais, acabou por forçar ao Sindicato dos trabalhadores em educação a aderir e deflagrar a greve. A professora Nilma Tavares e Keila Nogueira enfatizam bem esses fatos.

**Nilma Tavares** – Éh... na verdade, assim, Parintins deflagrou a greve antes de Manaus. Eu tava lá no dia da deflagração da greve, lá no SINTEAM, aqui de Parintins. E foi assim, uma conscientização de escola à escola, dos colegas inconformados, naquela época, bem a maioria dos colegas inconformados né... Como eu falei anteriormente, nós viemos de anos sem reajuste salarial... somente com perdas né. E a greve ficou muito evidente nessa insatisfação.

Nós aqui em Parintins, na época, nós fomos o... aderimos a greve primeiro do quê Manaus... E a gente foi ativamente mesmo para a rua, para o sindicato, enfim, fazer esse barulho, porque a gente na rua dá uma visibilidade para a sociedade, uma conscientização de que realmente nós estamos aqui lutando por algo que é justo.<sup>10</sup>

**Keila Nogueira** - Bom, é... o sindicato... no primeiro momento, em 2018, ele não aderiu à greve. Tanto que foi o movimento que começou, o movimento de base, como ficou conhecido, que teve início em Parintins. A greve de 2018 começou por Parintins, sem o apoio do sindicato. Não houve apoio do sindicato e nós ficamos mais de 10 dias... numa greve que se chama greve ilegal, porque não era uma greve que teve o início com o protocolo que se segue pelo sindicato<sup>11</sup>

O professor Gilciandro Prestes, coloca que o atraso do SINTEAM em aderir à greve, além do fato de atrelamento ao governo, se dá hipoteticamente pela diretoria do sindicato achar que por ser um movimento de base, a greve não ganharia força ou visibilidade, como já acontecera em outros momentos.

**Gilciandro Prestes** – [...] eu acredito que eles não acreditavam que o movimento de base fosse se fortalecer, porque antes da greve de 2018 já existiam tentativas... tinham ocorrido tentativas, por exemplo em 2014, 2016, de ensaiar alguns movimentos grevistas de manifestação... e o movimento enfraqueceu, não deu certo<sup>12</sup>.

Os movimentos da classe da educação tornam-se ainda mais importantes levando em conta o fato de que o professor é formador de opinião e quando ele vai para as ruas manifestar sua insatisfação, ali estão em evidência ideias que impactam a vida desses profissionais, dos estudantes e da sociedade. E assim foi com os professores e alunos da rede pública estadual, no município de Parintins.

A comunidade escolar encontrava-se insatisfeita com as perdas salariais, falta de valorização, perda do plano de saúde, atraso na data base da categoria e uma alimentação escolar melhor para os alunos e estes foram alguns dos principais pontos que levaram a categoria a decidir, inicialmente em Parintins, a deflagração da greve dos servidores estaduais da educação. Nilma Tavares, professora da disciplina de História, reforça que a participação dos professores na luta pelos seus direitos é um espelho para que os alunos olhem e aprendam que não podem

---

<sup>10</sup> Entrevista gravada no dia 13 de agosto de 2025, na biblioteca da Escola Estadual Dom Gino Malvestio, com duração de 24 minutos, realizada por Josué da Silva Rodrigues. Acervo pessoal.

<sup>11</sup> Entrevista realizada no dia 14 de agosto de 2025, via whatsapp, com duração de aproximadamente 41 minutos. Acervo pessoal.

<sup>12</sup> Entrevista gravada no dia 26 de novembro de 2025, na biblioteca da Escola Estadual Tomaszinho Meireles, com duração de 48 minutos, realizada por Josué da Silva Rodrigues. Acervo pessoal.

se calar mediante a perda de direitos, ainda mais quando se é professor de uma disciplina tão crítica como a História.

**Nilma Tavares** - Bom, primeiro que já é natural, no pensamento meu, já é natural de um educador, no mínimo né, ele lutar pelo seu direito, o mínimo que ele pode fazer é lutar pelo seu direito, seja social, principalmente trabalhista. Então, é uma obrigação nossa, enquanto professor, nós formamos a sociedade, e a gente... o maior ensino é o ensino pelo exemplo.

Não é de hoje que há a necessidade de movimentos grevistas para que a classe dos trabalhadores em educação seja atendida. O próprio direito a organização sindical, o direito a participação em movimentos em greves só foi possível devido a muita participação de professores durante a abertura política, em movimentos sociais, partidários e de base nos anos 80. A professora Keila Nogueira relata como se sentiu em relação ao medo de sofrer retaliações por estar no movimento e principalmente sendo uma das lideranças da greve.

**Keila Nogueira** – Em 2018, que foi o ano em que eu tive uma participação maior e mais efetiva, o que nos levou a iniciar o movimento grevista, e que era comum a categoria, foi a questão de quatro anos que nós não tínhamos o reajuste salarial. E, na época, eu lembro que eu estava cumprindo o meu estágio probatório<sup>13</sup>. Então... Mesmo que as leis nos asseguram a manifestação, mas a gente sempre tem um receio né. Mas nós entendemos que aquele momento era necessário, necessário iniciar esse movimento, aquele movimento em 2018

O artigo 9º da constituição diz: “É assegurado o direito de greve, competindo aos trabalhadores decidir sobre a oportunidade de exercê-lo e sobre os interesses que devam por meio dele defender”. Mas especificamente no Art. 37º diz que a administração pública direta e indireta de qualquer dos Poderes da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios obedecerá aos princípios de legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência e, também, que o direito de greve será exercido nos termos e nos limites definidos em lei específica. Percebemos que mesmo sendo um direito garantido por lei, muitos profissionais ainda têm o receio de retaliações e perseguições políticas devido ao envolvimento em movimentos de greves.

A professora Keila Nogueira, temia o risco de ser considerada como inapta ao exercício público na avaliação probatória, pelo pretexto da sua ausência na sala de aula devido a sua

---

<sup>13</sup> Estágio probatório - todo servidor, aprovado em concurso público, nomeado para provimento de cargo efetivo pela Secretaria de Estado da Educação e Qualidade do Ensino, que entra em efetivo exercício do cargo, fica sujeito a um período de 03 (três) anos de Estágio Probatório, com o objetivo de apurar, ano a ano, durante este período, se o servidor preenche os requisitos, de competência técnica e comportamental, necessários à sua manutenção e confirmação no cargo, para o qual foi nomeado.

participação na greve, já que a assiduidade do servidor é um dos requisitos avaliados durante o estágio probatório. Porém para ela, a necessidade de lutar pelos direitos da categoria e a indignação com a situação em que a classe se encontrava, foram fatores maiores e mais gritantes do que o medo da punição e retaliação que pudesse sofrer.

**Keila Nogueira** – Eu me senti muito indignada com tudo que eu comecei a viver na educação e presenciar de outros colegas, que se doam a vida inteira pela educação e no final da vida não tem a dignidade merecida, o reconhecimento merecido. Então, tudo aquilo foi motivo... na verdade, não somente a questão do atraso da... do reajuste salarial. Todo um contexto foi fundamental, toda uma vivência, toda experiência que a gente estava começando a ter na educação e a enxergar o outro que... Foram nossos professores, foram meus professores... que doaram a vida e no final não vão ter dignidade, não vão ter reconhecimento, e isso foi crucial para que eu abraçasse e me entregasse realmente ao movimento.

Nessa fala da professora Keila Nogueira, percebemos que a participação dela no movimento de greve, não se dá única e exclusivamente pelas condições financeiras que a categoria tinha como realidade, mas mostra que está fundada numa experiência de classe, numa tomada de consciência de classe, em um sentimento de exploração. Aqui não se trata apenas de um desejo de aumento salarial, mas da valorização do professor enquanto ser humano, e da sua importância na formação da sociedade, e isso age como uma mola propulsora no desejo de luta coletiva contra o sistema que os oprime. Isso é união e experiência de classe, como afirma Thompson (1987):

A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) aos seus (THOMPSON, 1987).

Para que qualquer movimento organizado de greve possa obter resultados, é preciso que todos os envolvidos tenham os mesmos objetivos, visando um mesmo ritmo de luta e de conquista. E isso fica bem visível no movimento de 2018, confirmado pela narrativa da professora Keila Nogueira que afirma não ter aceitado uma negociação única e exclusivamente com ela, mas que a negociação deveria ser feita com os representantes do comando de greve da categoria, reforçando ainda mais o discurso da coletividade e do pensamento da greve em função da coletividade e não unilateralmente.,

**Keila Nogueira** – [...] Então uns dois dias antes, eu acredito, dois ou três dias eu não recordo bem, eu recebi uma ligação da equipe do governador, dizendo que ele estava disposto a conversar comigo, pra que se chegasse num consenso né, da greve e tudo mais, um entendimento... enfim, e eu disse que não, que se tivesse que haver uma conversa, que essa conversa fosse pública com a

comissão da greve, não só comigo mas com todos que faziam parte da comissão de greve e que a imprensa estivesse presente... então foi daí que quando ele passou por Parintins nós recebemos a ligação de que ele estaria no Amazon River<sup>14</sup> e que a gente poderia ir até ele.. que o comando de greve podia ir até ele pra... pra tentar uma conversa, um diálogo, um entendimento né...



Foto: Marcondes Maciel. Acervo pessoal – Reunião do Governador Amazonino Mendes com as lideranças da greve, no Amazon River.

Com esse sentimento de ir em frente e lutar pelas melhorias para a categoria, o movimento começou a ser organizado dia a dia com programações que enfatizavam o anseio dos grevistas. Escolas uniam-se em equipes para montar o roteiro de atividades a serem realizadas durante o dia de paralisação e quem desenvolveria as atividades como, teatro, apresentações de música, passeatas em frente as escolas, acampamento em frente a coordenação diuturnamente, e outras. O desejo de ir sempre em frente gritava forte que, e em meio a essa luta os professores criam o bordão que se tornou a marca da greve de 2018, “NÃO TEM ARREGO, 35% JÁ!”. Uma resposta ao governo que tentava por meio de ameaças, como descontos das faltas no salário, oprimir e calar o movimento.

Para mostrar que a greve de fato não terminaria sem uma conquista otimista para a categoria, os professores ocuparam a praça em frente a coordenadoria regional de educação de Parintins, como estratégia de luta em pressionar o governo e mostrar a força do movimento.

**Nilma Tavares** - O acampamento funcionou, não me lembro se foi durante uma semana né, eu participei durante o dia, na época a minha mãe tava doente

---

<sup>14</sup> Amazon River – Hotel situado em Parintins, a 1,5 km da Praça da Liberdade, apresenta quartos climatizados e um jardim. Com uma recepção aberta 24 horas, esta propriedade também recebe os hóspedes com auditório para reuniões, um restaurante e uma piscina exterior. Os hóspedes podem desfrutar de uma bebida no bar.

e eu ainda participei durante o dia da nossa ocupação, tando lá na praça, mostrando ali pra sociedade e pra os próprios coordenadores da educação em Parintins, que o movimento tava vivo e só parariamos a greve quando alcançássemos o que nós queríamos, que era o nosso reajuste salarial e as outras... as outras pendências trabalhistas que estavam já, muitos e muitos anos sem ser reajustadas.



Foto: Josué Rodrigues. Acervo pessoal – acampamento em frente a Coordenadoria de Educação de Parintins.

Percebe-se que para os professores aquele era um momento decisivo na história da educação do Amazonas e de Parintins, com um movimento que recebeu o apoio não só de professores, mas dos demais servidores da educação, dos alunos, pais e da sociedade, como relata a professora Keila Nogueira.

**Keila Nogueira** - Em um movimento grevista, se você não tiver o apoio da sociedade, o apoio dos pais, o apoio dos alunos, a gente não consegue ir muito adiante. E em 2018, graças a Deus, nós fomos compreendidos pela sociedade, pelos pais de alunos, pelas comunidades escolares, por todos aqueles que fazem a escola, que a escola é feita por muitos. Tanto que foi nesse movimento que... Nós tivemos a adesão dos outros profissionais da educação, né, dos vigias, dos merendeiros, dos serviços gerais. Então, foi um grande arrastão da educação. Todo mundo realmente que faz a escola, todo mundo que faz educação, todo mundo que está no âmbito escolar veio e a partir de então surgiram outras organizações de educação. A educação passou a ser vista para além do professor, para além do pedagogo, para além do gestor. Esse movimento deu visibilidade a todos que fazem educação. Então, foi um movimento muito bonito, foi um movimento de muitos resultados, não somente as porcentagens conseguidas, mas de muitos resultados que... que são significativos e importantíssimos para a educação.

Mesmo com toda a pressão do governo na tentativa de parar o movimento de greve, os professores mantiveram-se unidos e lutando firmes, sem arrego e alcançando resultados

muito significativos para a categoria. É nítido também a preocupação do governo não com o bem-estar da classe, mas com o prejuízo para a sua imagem política, uma vez que pretendia a reeleição. Ainda assim houve muita resistência do governador em atender aos pedidos da categoria. Em contrapartida, o movimento também se impôs e resistiu, mostrando que a educação e o ato de ensinar vai para além das paredes da escola.

Pelo relato do professor Rooney, percebe-se que o movimento foi organizado e bem planejado desde o início, e isso deu ainda mais estabilidade e confiança para a categoria, visto que as reivindicações pelo movimento cobradas, estavam pautadas em evidências firmes de estudos preestabelecidos.

**Rooney Augusto** - Momento marcante foi quando o secretário de estado durante o governo de Amazonino Mendes, este reuniu com a gente antes de reunirmos com o governador, ele anunciou pra gente numa reunião na UEA, onde somente às lideranças entraram que o valor restante de FUNDEB<sup>15</sup> era a metade do que sabíamos, percebemos o susto de quando soube que tínhamos um estudo contábil profundo sobre os valores e repasses, todo o discurso de poder dele foi por água abaixo e a reunião não deu em muita coisa pra ele, para nós já foi uma vitória.

É comum que durante um movimento grevista, o governo use de estratégias para tentar desestabilizar o grupo, isso envolve ameaças, intimidações e outros artifícios que conseguirem para colocar a própria sociedade contra o movimento. No caso de 2018, a liderança grevista usou de expertise quando torna público o documento denominado “Carta aos pais, responsáveis e sociedade em geral”.

Os servidores em Educação do Estado do Amazonas lotados em Parintins comunicam aos Pais, responsáveis e a sociedade em geral que estão em INDICATIVO DE GREVE POR TEMPO INDETERMINADO, votado em assembleia no dia 16 de março fundamentados pelo Artigo 9º da Constituição Federal que diz: “Art.9º É assegurado o direito de greve, competindo aos trabalhadores decidir sobre a oportunidade de exercê-lo e sobre os interesses que devam por meio dele defender.”, devido ao não cumprimento há 4 anos da Lei nº 3.951/2013 atualizada em maio de 2014 através da Lei 4.042/2014, a qual prevê em seu art. 39, o dia 1º de março de cada ano como data base para reajuste do vencimento e da remuneração dos servidores pelo plano de cargos,

---

<sup>15</sup> O Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação é um Fundo especial, de natureza contábil e de âmbito estadual (um total de vinte e sete Fundos), composto por recursos provenientes de impostos e das transferências dos Estados, Distrito Federal e Municípios vinculados à educação. O Fundeb foi instituído como instrumento permanente de financiamento da educação pública por meio da Emenda Constitucional nº 108, de 27 de agosto de 2020, e encontra-se regulamentado pela Lei nº 14.113, de 25 de dezembro de 2020. Disponível em [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br).

carreiras e remuneração; igualdade de valores no vale alimentação para todos os servidores.<sup>16</sup>

Nessa carta, o movimento explica as razões pelas quais a categoria está em indicativo de greve, dessa forma se antecipando aos comentários maldosos que porventura surgissem.

Durante os últimos 4 anos o sindicato esteve em negociação com governo representando a categoria e não obteve sucesso, por isso os profissionais em educação sentiram a necessidade de ir para as ruas, se manifestar para chamar a atenção do governo, já que este é um ano eleitoral e por força de lei proíbe reajustes acima da inflação. A HORA É AGORA, não podemos mais esperar e contamos com o apoio da SOCIEDADE.

A luta então recebeu o apoio de boa parte dos pais e responsáveis, pois os alunos e grêmios estudantis estavam envolvidos, e trouxeram também suas queixas ao movimento, tornando-o ainda mais forte.

**Gilciandro Prestes** – [...] mas um dos pontos principais, voltando aquela época de 2018, que eu acredito que influenciou muito para essa aceitação por parte da sociedade, foi o envolvimento dos estudantes. Quando os estudantes aderiram, eles confrontaram na época... ali através do grêmio do CETI, eles confrontaram a coordenadora na época da SEDUC lá na praça da catedral... aquilo contribuiu muito pra aceitação, porque eram estudantes, os estudantes estavam juntos com os professores[...]



---

<sup>16</sup> CARTA AOS PAIS, RESPONSÁVEIS DOS ALUNOS DA REDE ESTADUAL E SOCIEDADE EM GERAL publicada pelos líderes da greve em Parintins, e veiculada pelos meios de comunicação em 19 de março de 2018. Fornecida pelo professor Rooney Augusto via whatsapp.

Foto: Professor Rooney Augusto. Acervo Pessoal. Alunos participando dos movimentos da greve de 2018 em frente a catedral.

A participação dos professores nas ações organizadas pelo comando de greve, está atrelada ao fazer coletivo em função do bem-estar de todos e cada ação desempenhada por qualquer das personagens participante do movimento, é essencial, pois o movimento em Parintins foi feito pelos professores em uma política coletiva, sem interferência direta de políticos com interesses unilaterais. Como citado pelo professor Rooney Augusto, houve sim tentativas de envolvimento de políticos na intenção de se beneficiar da luta dos professores, mas não foram aceitos.

**Rooney Augusto** - [...] mas lá tive contato com as lideranças de vários municípios, lá percebi a força de Parintins, todos queriam me ouvir, na assembleia quando cheguei a primeira vez fui carregado pro palco com a bandeira de luta de Parintins, agregamos outros municípios, fiz reuniões pontuais com alguns. Inclusive com lideranças políticas que tentaram obter protagonismo de nossas reivindicações, soubemos sair dessas armadilhas e conduzir o processo de forma limpa.<sup>17</sup>

Para o professor Gilciandro Prestes, a participação de personagens da base dos professores foi muito importante porque, segundo ele, a greve de 2018 foi autogestionada e autofinanciada, ou seja, a organização da luta e o seu financiamento foram feitos pelos próprios professores para a greve acontecer. Gilciandro apresenta a figura do professor Natanael Valente, que mesmo não sendo uma liderança da greve em 2018, teve um papel fundamental ao disponibilizar seu triciclo com caixas de isopor e garrafas térmicas para a distribuição de água para os grevistas.

**Gilciandro Prestes** – [...] cada professor... por exemplo, o professor Natan! O professor Natan, na greve de 2018, ele foi muito importante também, porque o professor Natan, apesar de ele não tá na liderança, ele levava o triciclo dele com.. com... assim, galões de água né, e também isopor cheio de água pra que as pessoas, os professores e os profissionais da educação por onde passasse, utilizassem a água né, então, essa greve, além das lideranças ela tem esses atores que são muito importantes também, como o professor Natan que a gente não pode deixar de falar, que ele contribuiu muito.

Porém, o professor Gilciandro destaca também uma figura pública que considera importante para o movimento, apesar de não ser um político em mandato, que é o advogado, ex-vereador e ex-candidato à prefeitura de Parintins, Juscelino Melo Manso, que prestou

---

<sup>17</sup> Entrevista realizada com o professor Rooney Augusto Vasconcelos Barros, respondida de forma escrita, via aplicativo de whatsapp, no dia 20 de novembro de 2025.

suporte em orientações jurídicas quanto as atividades desenvolvidas durante a greve sem cobrança de honorários.

**Gilciandro Prestes** – Um outro personagem que a gente não pode deixar de falar, e é público e foi o único homem público, apesar de não está com mandato na época, que apoiou muito, foi Juscelino Melo Manso, porque o Juscelino como advogado, quando nós íamos lá para o SINTEAM, ele falava... a gente perguntava: Juscelino, nós podemos ir até aonde? Até que ponto podemos utilizar, podemos fazer, ir até na frente da escola? Nós podemos é, falar palavras de ordem ali pra convidar os colegas na frente da escola, ou não podemos? [...] Então, ele sempre dava uma palavra: “olha, nós podemos isso, não podemos isso!” As orientações jurídicas, sem cobrar nada da gente. Isso é importante!



Foto: Rooney Augusto. Acervo pessoal. Reunião para orientações jurídicas do Advogado Juscelino Manso com as lideranças da greve.

Nesse sentido, a vitória dos professores se torna ainda mais admirável, pois prova que o movimento de base e a união da classe pelo bem coletivo, surtiu efeito, reforçando ainda mais a ideia de que a união dos trabalhadores em busca de seus direitos e de melhorias para a categoria, sempre valerá a pena quando tratada de forma compromissada.

Uma das grandes riquezas da história oral é evidenciar a interpretação do sujeito sobre o assunto pesquisado, e quando se trata de múltiplos depoimentos, as interpretações e visões nem sempre serão iguais ou convergentes entre os depoentes e esse é o ponto chave de uma

pesquisa. Pode ser que os entrevistados tenham o mesmo ponto de vista sobre o assunto perguntado, mas pode ser que diverjam.

Na presente pesquisa nota-se que os entrevistados concordam e definem a greve de 2018 como um movimento de base que ganhou força a partir de muitas mãos que fizeram a greve em um pensamento coletivo, por outro lado alguns deles divergem quanto ao posicionamento do SINTEAM em resistir na adesão da greve. Para o professor Carlos Magno e Nilma Tavares essa indecisão está ligada às questões políticas das lideranças sindicais, para o professor Gilciandro, está ligada ao fato de que inicialmente as lideranças do sindicato não acreditaram na força e proporção que o movimento ganharia.

**Carlos Magno** – [...] o SINTEAM, até hoje né, ele é encabeçado pelo pessoal que é do PCdoB. E na época o PCdoB tinha uma cadeira no secretariado, do Eron Bezerra na SEPROR, é... Secretaria de Produção Rural, e aí como o PCdoB fazia parte do governo, não pode criticar o governo, não pode atacar o governo, o SINTEAM não organizava o movimento pra questionar o reajuste né.

**Nilma Tavares** - O sindicato, o presidente, né? Toda essa questão burocrática ficava em Manaus. Então, nós aqui em Parintins... Eu lembro que aderimos, eu não lembro mais quem era o presidente naquela época, se eu não me engano, era o Flávio Amaral(dúvida) Então, aqui em Parintins, aderiu a greve. Nós fomos lá na deflagração da greve... Só que em Parintins aderiu, mas Manaus não aderiu né? por causas que a gente sabe, mas não entende até hoje.

Outro ponto de divergência durante as entrevistas para a realização da pesquisa, é em relação a ida de parte das lideranças da greve para assumir cargos comissionados na coordenadoria de educação de Parintins, pois para o professor Gilciandro e para a professora Nilma Tavares, isso foi sim uma tentativa do governo em dividir as lideranças e enfraquecer outros possíveis movimentos dos professores em Parintins.

**Gilciandro Prestes** – Olha, eu não tenho dúvida nenhuma que a chamada por parte do governador, na época eleito, Wilson Lima, quando houve a transição, aqui em Parintins, de governo, houve a troca de comando também né... foi sim uma tentativa do governo do estado de dividir o movimento, não só dividiu porque levou praticamente todas as lideranças da greve de 2018, mas de.. de... de dá um cala boca em Parintins, essa que é a verdade.

Por outro lado, para o professor Carlos Magno, isso não enfraqueceu o movimento dos professores, pois outros professores foram chegando e ocupando esse lugar de líderes a frente dos movimentos. Segundo o professor: “então se a ideia do governo foi tirar essas lideranças pra enfraquecer o movimento, foi o contrário, porque o movimento se renova, se refaz, se fortalece”.

Sobre esse assunto, a professora Keila Nogueira, uma das lideranças da greve que posteriormente assumiu cargo comissionado, diz que não pode responder se foi uma estratégia do governo, pois um movimento grevista não tem um dono e seus líderes mudam. Aqui estão em evidência que os professores construíram memórias diferentes sobre a greve de 2018, mas que durante a sua organização, apesar de ter pensamentos e perspectivas divergentes, conseguiram lutar pelo bem-estar coletivo da categoria e era isso o que os ligava e que continua sendo mais importante dentro do movimento de base.

**Keila Nogueira** – eu não sei te responder as intenções nem do governo e não sei te falar sobre a fala de terceiros, porque cada um fala sobre o seu ponto de vista... não sei como te confirmar isso, são falas [...]. Até porque, Josué, eu entendo que o movimento grevista ele não tem dono né, um movimento grevista logo diz: é um movimento! Então há momentos em que terão certos representantes, há momentos que terão outros.

No entanto, é notório que isso influenciou de certa forma em movimentos posteriores à greve de 2018, todavia seja um dever de todo servidor lutar pelos seus direitos, independente da vontade ou posicionamento do outro, pois a luta permanece dentro da classe, independente da entrada ou saída de personagens, assim como diz a música de Arlindo Cruz: “o show tem que continuar”.

As conquistas alcançadas pelos professores da rede estadual de ensino foram muito significativas, mas isso só foi possível graças a união da categoria e aos esforços de cada agente que foi singular e importante dentro do movimento. A luta não acabou, e o desejo de melhores condições continua ardente ano após ano dentro de cada um, com a certeza de que é preciso lutar e é possível alcançar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa desenvolvida para o presente trabalho, ajudou a entender a construção e fortalecimento da greve de 2018, e aqui reconhecemos a força do movimento dos professores enquanto um movimento de base, que foi construído no dia a dia de cada caminhada, de cada ato público que o movimento proporcionou por intermédio de figuras importantes para que a greve pudesse acontecer e trazer um resultado favorável para a categoria. Isso só foi possível a partir do momento que a categoria entendeu que precisava tomar a frente de uma luta que não seria fácil, mas que era possível. Salientamos ainda que o movimento também teve influência direta de professores recém-chegados à classe, vindos de outros estados, como o professor Carlos Magno, recém-empossados em concurso público da SEDUC vindos de outra realidade

da rede municipal, como o caso da professora Keila Nogueira e até mesmo professores com experiência no ensino superior, como é o caso do professor Rooney Augusto, e que trouxeram uma bagagem de militância em movimentos de classe vivida por onde passara e que não concordavam com a situação vivida pelos professores da rede estadual de ensino.

A greve de 2018 revela a força da categoria e assim inicia um ciclo de lutas em busca de seus direitos e melhorias, pois os anos seguintes apresentam uma série de movimentos, com 2019 novamente buscando a data base, 2021 uma greve sanitária contra a obrigatoriedade de retorno a sala de aula por conta da pandemia do COVID e em 2023 novamente pelo não cumprimento da data-base de reajuste salarial da categoria. Desse modo tornou-se mais presente a luta e a movimentação quando a categoria tem algum de seus direitos lesados.

Fotos: Rooney Augusto. Acervo pessoal. Registro de passeatas e movimento em pontos da cidade de Parintins.

A pesquisa mostrou ainda que a memória e história estão interligadas e que as



narrativas, por intermédio da história oral, são singulares e muito significativas para a constituição da história, visto que é possível obter detalhes riquíssimos a partir das entrevistas dos protagonistas do processo histórico.

Para mim, a pesquisa torna-se ainda mais gratificante, pois tive também minha parcela de contribuição no movimento pesquisado e com o presente trabalho pretendo continuar a contribuir na propagação de que a greve de 2018 dignificou ainda mais os professores que lutaram pelas suas melhorias nas condições de trabalho, e ajudando a manter vivo esse feito singular para a história do tempo presente da classe dos professores.

## FONTES E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### FONTES ORAIS:

- **Carlos Magno de Camargo**. 52 anos. Casado e pai de dois filhos. Natural de Pindamonhangaba, estado de São Paulo. Bacharel e licenciado em história pela Universidade Estadual de São Paulo – UNESP e especialista em Psicopedagogia. É professor concursado da SEDUC-AM desde 2015, atualmente leciona na Escola Estadual Rosina Ferreira da Silva, em Manaus, porém trabalhou como professor em Parintins nas escolas Brandão de Amorim, GM3 e Centro Educacional de Tempo Integral - CETI Glaucio Gonçalves. Entrevistado por Josué da Silva Rodrigues, por meio do aplicativo Whatsapp, no dia 23.08.2025. Gravado em áudio. Duração de 42m:02s.

- **Gilciandro Prestes de Andrade**. 42 anos. Casado. Natural de Parintins. Graduado em História pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA, pós-graduado em Docência do Ensino Superior. Especialista em Metodologia do Ensino de História pela UEA. Mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia, pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Professor concursado da SEDUC-AM na Escola Estadual Tomaszinho Meireles e no Colégio Nossa Senhora do Carmo. Entrevistada por Josué da Silva Rodrigues as 14h, do dia 26/11/2025, presencialmente na biblioteca da Escola Estadual Tomaszinho Meireles. Gravado em áudio. Duração 48m:13s.

- **Keila Regina Pontes Nogueira**. 48 anos. Natural de Manaus, capital do Amazonas. Solteira, mãe de um único filho. Graduada em licenciatura em letras. Concurada pela Secretaria Estadual de Educação há nove anos. Professora de Língua Portuguesa da rede pública de educação básica em Parintins, na Escola Estadual Senador João Bosco. Entrevistada por Josué da Silva Rodrigues, por meio do aplicativo Whatsapp, no dia 14.08.2025. Gravado em áudio. Duração total de 41m:04s.

- **Nilma Tavares Carneiro**. 46 anos. Solteira. Natural de Parintins/Amazonas. Professora de História concursada da rede pública de ensino do estado do Amazonas. Entrevistada por Josué da Silva Rodrigues as 14h35, do dia 13/08/2025, presencialmente na biblioteca da Escola Estadual Dom Gino Malvestio. Gravado em áudio. Duração 24m:06s.

- **Rooney Augusto Vasconcelos Barros**. 50 anos. Solteiro. Natural de Parintins. Mestre e Doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM, possui Licenciatura Plena em História pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA. Pós- Graduação em Historiografia da Amazônia. Foi docente na Universidade do Estado do Amazonas CESP-UEA e na Universidade do Norte - UNINORTE. Atuou como Coordenador

Adjunto Pedagógico da Coordenadoria Regional de Educação de Parintins, de 2021 a 2022, Coordenador Administrativo da Coordenadoria Regional de Educação de Parintins, em 2023 e 2024. É professor concursado de história na Escola Estadual São José Operário. Entrevistado por Josué da Silva Rodrigues no dia 20.11.2025, por meio do aplicativo Whatsapp. Respostas escritas e em áudios fragmentados.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

AGUIAR, Arthur Viana. LUTE COMO UM(A) PROFESSOR(A): HISTÓRIAS DE MILITÂNCIA POLÍTICA DOS DOCENTES AMAZONENSES DE PARINTINS (1980-1990),

ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. 3º ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2005.

BATISTA, James da Costa. DA LOUSA À LUTA: Organização, mobilização e luta dos professores amazonenses na década de 1980. PPGH – UFAM.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988, Art. 9º

CANDAU, Joël. Memória e identidade. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.

DELGADO, Lucília. História Oral: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

FIALHO, L. M. F. et al. O uso da história oral na narrativa da história da educação no Ceará. Rev. Pemo, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-13, 2020.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, nº. 3, 1989, p. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender um Pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na história oral. In: Projeto História, nº 15. São Paulo, PUC, p. 13 33, 1997.

THOMPSON, E.P. A Formação da Classe Operária Inglesa. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987. 3 volumes.

### **SITES PESQUISADOS:**

<http://www.esquerdaonline.com.br>

<https://www.ibge.gov.br>

<https://www.mec.gov.br>

<https://www18.fgv.br/cpd/doc/acervo/arquivo>